



1
HISTÓRIA
DO AMOR

Pede a ostra colada à pedra em que se escalva:
— “Ajuda-me, Senhor! Sou larva triste e feia!...”
Nisso, o mergulhador pisa o lençol de areia,
Qual fulmíneo titã, no abismo verde-malva.

Pensa, encantada, a pobre: — “Eis alguém que me salva...”
O homem, contudo, ataca e a mísera baqueia.
Depois, sofre, na tona, o facão que a golpeia,
Fere, insulta, escarnece e lanha, valva em valva.

(*) Depois de ter assentado praça no 9º Batalhão de Infantaria e tentado matricular-se na Escola Militar, no Rio de Janeiro, Artur de Sales voltou a Salvador, onde, em 1905, recebeu o diploma de aluno-mestre, da Escola Normal. Exerceu o magistério primário «em aprendizados agrícolas». Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, aí ocupando a cadeira nº 3. A obra poética de AS, a princípio simbolista, passou depois a ser concebida parnasianamente. Suas poesias, em geral abrangendo temas populares, revelam-lhe o grande interesse pelas coi-

Mas, em vez de revolta, a vítima indefesa
Oferta-lhe, ao cair, por troféu de beleza,
11 A pérola que brilha entre os arpões e os rascos...

Essa é a história do amor que se alteia, sublime;
Inda mesmo a sangrar, sob a injúria do crime,
Beija e enriquece as mãos dos seus próprios carrascos.

2
HISTÓRIA DO DESTINO

Rogava o barro a sós, preso a lodosa charpa:
— “Liberta-me, Senhor, do lixo que me escorna!
Ai de mim que sou lama envilecida e morna!...”
Veio a chuva e, oh! beleza! o brejo vibra e zarpa.

A água que dormia em túnida madorna
Põe-se, turva, a correr no solo que se escarpa,
Atormenta-se, luta e vai, de farpa em farpa,
Como pranto de dor que, súbito, se entorna...

Agita-se e obedece, escrava à gleba obscura,
Beija os ríjos punhais da rocha em que se apura,
Abraça as provações e canta a bendizê-las!

sas do mar. Considerado «admirável plástico do verso» por Jackson de Figueiredo, foi ainda Artur de Sales, na expressão de Eugênio Gomes, um «ébrio de Shakespeare», traduzindo-lhe, em versos alexandrinos, a peça *Macbeth*. (Cais Dourado, Salvador, Bahia, 7 de Março de 1879 — Salvador, 27 de Junho de 1952.)

BIBLIOGRAFIA: *Poesias (1901-1915)*; *Poemas Regionais*; etc.

11. *rasco* (de *rascar*, raspar, desbastar): “garfo de ferro, na extremidade de uma vara, para a apanha do mexilhão.”

Depois, é fonte ao mar, qual poema divino!...
Alma, a história do charco é a história do destino
28 Que nos arrasta, além para além das estrelas...



CORNÉLIO PIRES *



1
VELHO JOÃO

Velho João, agonizas triste e pobre,
Sem que o mundo, sequer, a mão te estenda;
Ninguém te oferta um caldo por merenda,
Nem um trapo de pano que lhe sobre...

Ah! ninguém te agradece ao peito nobre
O cansaço na roça e na moenda;
Morres, lembrando as pompas da fazenda,
No sebos molambo que te encobre.

28. Para que possamos apreciar o gosto do poeta para as rimas raras e os versos alexandrinos, vamos transcrever-lhe apenas duas estâncias do poema "A Lagoa" (*apud Pan.*, V, págs. 55-56):

"Tramas de ouro de sol, quase apagada frágua
Veste a lagoa. Um mundo azoinante de insetos
Zune e zumbe, cruzando-a. Os caniços inquietos
Vão e vêm, alongando esguias sombras na água.

O silêncio, magoando o ar sonolento e morno,
Espalha em tudo o alor das cousas fugidias;
A vez e vez, rompendo-o, asas passam, tardias.
Esmaece, agoniza a paisagem de em torno."

Observe-se, ainda, que o esquema rimático é idêntico no soneto de hoje e no famoso poema de suas *Poesias*.

(*) Além de poeta, contista, jornalista, humorista e conferencista, era Cornélio Pires devotado pesquisador do nosso folclore. «Seja bom» — recomendou-lhe, certa vez, Amadeu Amaral. E Cornélio Pires, ao fazer-se tarefeiro da Doutrina Espírita, não foi apenas um bom, mas verdadeiro herói da bondade permanente, a benefício dos semelhantes. Pouco antes de desencarnar, fundou em Tietê, SP, a «Granja de Jesus», entidade de amparo ao menor abandonado. Escreveu para inúmeros jor-